

Stadium

N.º 363
16 - Novembro - 1949
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



ALFREDO, CAPITÃO DO GRUPO DE HONRA DO FUTEBOL CLUBE DO PORTO. É UM JOGADOR DE FIBRA, VOLUNTARIOSO E SABENDO DO OFÍCIO, UM DOS MELHORES VALORES PORTUGUESES DO FUTEBOL.

A TEORIA DO BELENENSES

desenvolvida pelo treinador italiano RINO MARTINI

O comportamento dos senzes belenenses, meré de circunstâncias várias que nesto local não nos cabe enunciar sequer, não tem correspondido aos legítimos anseios da população associativa e ao passado, glorioso de tradição, do grande e popular clube lisboeta.

Rino Martini chegou de Itália há para dois meses — tempo, por demais, escasso para se poder julgar, em rigor, a competência de qualquer técnico. — O caso do novo treinador de Belém não é, positivamente, o de chegar, ver e vencer. Há que lhe dar margem para conhecer os jogadores, ajustar as peças, limar aqui, fazer conjugar mais além, tirar partido das qualidades de uns e... dos defeitos de outros — em certas modalidades (e, principalmente no futebol), embora pareça estranho, os defeitos são também de aproveitar. Depois, vem o ensaio dos sistemas táticos mais adaptáveis às características dos elementos de que dispõe — todos sabem que a equipa dos eszuis passou (ou procuram fazer passá-la) por profundas modificações, novos arranjos.

De modo que, só ao cabo de alguns meses e, quando todas as peças entrarem em perfeito ajustamento, buscando a harmonia e o ritmo, então, sim, deverá estar feito o team, haverá ocasião para se classificar o labor do homem que incumbiram de preparar a máquina. Por ora fecham-se na estreiteza do tempo quaisquer elementos susceptíveis de fornecer prova concreta do valor do «manager» belenense. No entanto, achamos oportuno colher opiniões sobre o possível êxito da sua tarefa e, assim é o próprio responsável quem fala...

Rino Martini está junto de nós, muito acessível e bom caçoador. Temos na nossa frente um atleta talhado de alto a baixo. Esguio e ossudo, perfil mediter-



Esta imagem mostra-nos Rino Martini (o «poisono» da direita), acamareado com alguns dos mais famosos atletas do futebol italiano. Reconhecem-se, entre outros, Foni, Luca Celli, Depetrini, Piola e Parola

râneo é ainda novo (38 anos) apesar dos seus cabelos plumbeo-platinados, (outra negros de az-vi h) pretendem negar-lhe juventude.

O seu tratamento é lano e calibrante, gestos sóbrios, mas, amplos de atleta, impressionados na conversação pela fluência do seu verbo.

E, sem perder o sotaque da sua língua, como é natural, vai-se exprimindo em português com aceitável correção e por forma assás compreensível.

— Então, «mister», tem assimulado com facilidade o nosso idioma?

— Sim, com aquela facilidade relativa que me oferece a analogia com o francês, com o espanhol e com a minha própria língua.

— Diga-nos alguma coisa sobre a sua vida de desportista.

— Sabe bem que nos países de profissionalismo declarado, o jogador de futebol é muitas vezes, ainda que contra vontade sua, um verdadeiro nômade. Tal aconteceu comigo. Assim aos 22 anos representava o «Milão», aos 27 o «Liguria» hoje «Sampdoria» onde me conservei três épocas passando depois a jogar e a treinar o «Legnano» e até me mantive até ao final da guerra. Já vê, portanto; Milão, Nápoles, Génova e...

— E P...
— Florença, como preparador técnico e professor de ginástica do «Florentino» ao qual Ferrari ministrava as táticas. Junto trabalhámos, estes anos, até na preparação da Squadra Azzurra.

Exibido o cartão de visita do simpático italiano, apenas uma pergunta mais nos ocorreu dirigir-lhe:

— Quer como jogador, quer

como preparador, chegou a ganhar alguma competição?

— Oh! Era lá possível quando existia um «Junião» e depois um «Torino»? Não pode, necessariamente aqui falar, pelo jogo que lhe viu fazer, da capacidade dos meus «adidosos» compatriotas e amigos queridos. Então Mazzola...

Um, não sób mos qué, invistível, lhe cinge a garganta, a voz toma um som rudo e a saude despende-se-lhe dos olhos.

— Que opinião tem do jogador português em confronto com o italiano?

O rosto do nosso interlocutor retoma a normalidade, desenha um sorriso, procurando esconder uma ideia, velar um pensamento.

— Sabe, falta aos portugueses preparação atléta tão necessária à prática do futebol. No meu país um futebolista tem que ser, a um tempo, um perfeito dominador da bola, um corredor de velocidade e um bom saltador. Na Itália reconhece-se que só assim é possível contar com homens durndo, sem quebras, os noventa minutos multiplicados pelos anos de uma longa actividade. Ninguém poderá recusar que o desenvolvimento atléta de um jogador está na base dos seus próprios recursos técnicos. Com ele menor é o desgaste físico, mais fácil a execução, menos temível o demónio das lesões. Para se controlar uma bola, para se sentir, para se conseguir a serpentina é absolutamente necessário que os músculos, uma vez sollicitados nos cheguem prontamente. A rapidez dos reflexos deverá corresponder a rapidez das fl-xões, numa palavra — ligeireza de pensamentos e de movimentos.

«Acredite que o termo souplesse

não é estranho à prática dos exercícios gímnicos aplicados disciplinadamente e racionalmente ao futebol e a outros desportos.

«Só assim, hoje, me permito igualar os meus pupilos no que lhes mando fazer, pois tudo uso exemplificar.

«Esta minha opinião (que não receio seja impugnada), felizmente, para a modalidade, nem só em Itália encontra adeptos, mas sim, e numerosos, em todos os países onde o futebol atingiu já o mais alto nível técnico. Quer outro exemplo? Olhe, tem-no em Scopelli que, com certeza, conhece bem. Fomos adversários quando o famoso argentino alinhava pelo Roma ao lado de Bernardini (h je treinador e jornalista) e Guaitrini. Pois creia, com aquela idade, Scopelli possuía ainda a harmonia dos movimentos e os toques de uma ballarina de classe!...

A entrevista já agora entra no caminho do seu objectivo.

— De modo que são deficiências dessa ordem as que emitemos encontrar no Belenense?

— Dessa e de outras. A matéria prima de boa qualidade ninguém aqui. Há jogadores (figo-o no caso geral) de todas as espécies e mentalidades. Mesmo os que assimilam bem, quando pisam um Estádio para treinar têm, necessariamente, de ser portadores de algo que Deus lhes tivesse dado: a habilidade natural, a intuição. Mas, deixamos isso não há haver más interpretações e consequentes clamores de protesto... No meu novo Clube existem rapazes cuja forma é susceptível de melhorar, como por exemplo, Feliciano. Já o vira jogar em Itália... porém, há menos de um ano, era terrível o poder de selecção do meu País, era mesmo capaz de esmagar qualquer defesa...

Em Portugal, espanta-me (constata que fale, francamente) o facto de tantos jogadores — considerados asés — engorem de cegueira de um dos pés. Num team italiano da primeira Divisão o caso seria falado, talvez por virgem. Prossequindo na descrição das minhas impressões sobre os elementos de que disponho, lamento ter de lhe dizer que tucto a toda a hora sem lograr «descobrir» nunca. Olhe, vejo em Sérgio um guarda-go com qualidades a aproveitar; em Pinto de Almeida um médio razoável que a carência de interiores me obriga a atirar para a frente. Deposito esperanças em Rocha, Portas e Garnacho. Este último é um jogador inteligente a quem a falta de peso tira poder.

— E Sidónio e Jordão?

— O primeiro tentarei experimentá-lo a extremo direito; o segundo é habilidoso, sim, porém o folego o atiraço, durará, por

Ano VII — II Série — N.º 863
Lisboa, 16 de Novembro de 1949

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visto pela Comissão de Censura

O CONCURSO DAS CALDAS

constitui um exemplo que deve ser seguido

ora, uma parte de um encontro... e isso não chega.

— Mas o «tream» ocupa na classificação um lugar, absolutamente em desarmonia com o seu peso, uma posição incompatível com a «óptima grandeza» do Clube...

— E-tou de acordo. E a mesma opinião a p'filh', dadas as referências q.e tinha do «Belenses». E que fazer, de momento?... Soluções prontas?... Só recusando, imediatamente, quatro jogadores de valor reconhecido: um médio, dois interiores e um extremo (uma pausa). Quisá a equipa passe a melhorar com o regresso de Vasco e David que, no entanto, não se verificará antes de uns bons vinte dias de intensiva preparação.

— Mas diz-se que «mister» não é alheio à aquisição de dois compatriotas seus...

— Oh! (sorris). Quanto não custa isso?... E o dinheiro está tão caro... M'gras me parece, nesta altura, as possibilidades do meu Clube. Só uns juniores por quem se toma-se o compromisso da alimentação e dos estudos... Em Portugal também existem bons jogadores. Dos que já tive ocasião de ver, colhi impressão de agrado de Fernando, de Rosário e de Rogério, da Benfica, e de Capela e Bentes da Académica.

— De qualquer forma não será possível melhorar a posição do Belenses?

— Não descreio. Como orientador tenho que ter sfidúcia. Não sendo, porém, os obstáculos. Reconhço que a defesa carece de velocidade; a linha média não salisfaz, vindo-se, como disse, diminuída ainda pelo erapto de Pinto de Almeida e que, finalmente, o atq se chega a ser inofensivo... (outra pausa) Segundo a moderna concepção do futebol e seus novos pl nos tácticos, os interiores devem s'br rematar à entrada da grande área, ali p'los 20 ou 18 metros e em posição de ângulo nulo para que não se emisturem com os extremos a quem o M'cbrega a interinar. Já não se usa nem é de admitir que o ponta corra ao longo da linha lateral para centrar junto à bandeira de canto; ao contrário deve ab'li quar para o centro do terreno procurando um ângulo que lhe permita alvejar a baliza com êxito. Não será a ligeza assim em todas as situações. Cada jogador deve actuar segundo as exigências do momento, as circunstâncias do próprio jogo, pois se ninguém lhe pede o terreno que seja um táctico, é legítimo exigir-se-lhe boa visão dos jogadores a girar e que pelo menos seja um razoável estratega.

Finalda a entrevista, Rino já ficará entregue à sua tarefa e nós retirámo-nos meditando na situação.

RUI COSTA

REVISTA

Stadium

Vende-se no RIO DE JANEIRO
na CASA VANNI
161, Avenida Rio Branco, 161

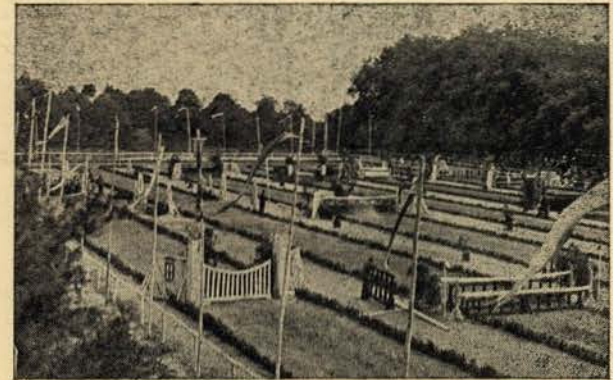
ANTIGAMENTE, quando ainda os processos de desinfectação não estavam tão aperfeiçoados, útilmente em hipódromos poderiam realizar-se Concursos Hípicos. Isto era, sem dúvida, um inconveniente e uma dificuldade a que tinham que atender os organizadores, mas, no entanto, se olharmos uns anos atrás verificamos, sem esforço, que havia nesse tempo mais Concursos do que actualmente.

Em Lisboa, Elvas, Viana do Castelo, Lamego, Guimarães, Povoa do Varzim, Figueira da Foz, Santarém, Caldas, Setúbal, Porto, Sintra, Cascais, Mafra, Pedras Salgadas, Braga, e outras localidades, organizavam-se certames com regularidade.

Depois, ou porque tivessem de ser sacrificados alguns hipódromos, ou ainda porque, dada a popularidade do futebol, outros fossem transformados em campos para a prática desta modalidade desportiva, viu-se reduzido o número de provas hípicas, prevalecendo na Agenda aquelas locais que dispunham de campos de obstáculos propriamente ditos.

Hoje em dia, com os processos de desinfectação usados em toda a parte e também no nosso país, podem disputar-se Concursos Hípicos em campos de futebol, sem qualquer inconveniente para os praticantes deste popular desporto.

Não esquecermos que as provas hípicas dos últimos Jogos Olímpicos foram disputadas no magnífico Estádio de Wembley e que o Concurso das Caldas, que



Um curioso aspecto do improvisado hipódromo das Caldas d.ª Rainha

resparaceu em 1917, é feito, com êxito, num campo de futebol.

Assim, não compreendemos o motivo por que certas localidades acima apontadas, entre as quais figuram algumas cujos concursos tinham honrosas tradições, se mantêm em inactividade, apesar de se spregar aos quatro ventos a sua vontade de regressarem à nossa Agenda Hípica.

O exemplo dado pelas Caldas da Rainha é digno de ser seguido e devidamente apreciado.

Um hipódromo privativo e utilizando, como se sabe, um campo de desportos stéticos que, f'ndo o Concurso, é escrupulosamente

desinfectado pela Direcção Geral de Saúde, tem no últimos anos apresentado certames à altura das tradições do hipismo nacional, nos quais obtve não só êxito desportivos como compensação de ordem material.

O Concurso das Caldas da Rainha é hoje um dos mais brilhantes e não perdeu qualidades perante os poucos que são disputados em hipódromos.

Verificando-se isto, perguntase:

Por que não se tenta fazer renascer os Concursos antigos e entre eles os da Figueira da Foz, Viana do Castelo, Povoa do Varzim e Pedras Salgadas, que o público sempre acolheu com simpatia?

Por que não se tenta organizar provas deste género em novas localidades que dispunham de condições para o fazer?

Certamente que as Caldas da Rainha não constituem uma excepção e que, em todo o país, outros stios dispõem de recintos onde os Concursos possam ser realizados com êxito.

A cidade da Rainha D. Leonor deve portanto ser apontada como um exemplo a seguir por todos aqueles que apreciem o desporto híptico e que estejam dispostos a sair do marasmo em que se tem vivido.

O hipismo tem adeptos espalhados por toda a parte e os diversos locais afastados dos poucos hipódromos que há no país, e que, portanto, há muito não assistem a espectáculos deste género, recebem-lhes com braços abertos. O público s'beria corresponder, estamos certos, ao esforço e à boa vontade daqueles que tivessem dispostos a sacrificar umas horas de trabalho à propagação e desenvolvimento do nosso desporto equestre.

Mãos a obra, portanto, que a nova época não tarda.

ANTAS TEIXEIRA

BARTALI, COPPI E C.^ª

○ Interesse que o público português consagra ao ciclismo ficou largamente demonstrado com a afluência de espectadores aos recentes festivais de pista, em que participaram as grandes estrelas italianas, que são sem dúvida dos melhores ciclistas do Mundo.

Muito naturalmente os nossos visitantes triunfaram nas provas onde alh'aram, a Imprensa — traduzindo o parecer unânime tecer panegírico à sua enorme classe, mas reconheceu que houve uma freza no público, o qual se não manifestara entusiasmado ante o valor dos campións-estrelas.

Nós compreendemos perfeitamente o estado de esprito dos assistentes às exhibições de Bartali e Coppi, porque como tal o sentimos também. Os senhores herómenos italianos não se dignaram dar-nos um ar da sua graça; como bons profissionais que são, limitaram-se a vencer com o mínimo de esforço.

Nas americanas, por exemplo, seguros da sua superioridade nas embalagens, contentaram-se seguindo o andamento dos competidores e enbolsando os pontos na altura própria. Coppi, Bartali e C.^ª são, com certeza, ciclistas excepcionais; mas não se mostraram nos pistas portuguesas, apresentando-se apenas uns herómenos que deixaram aos de casa o papel de admiradores. Não podemos admirar-lhes o procedimento.

Quizáramos ler muito os irmãos Coppi partir de ididamente à conquista de uma volta e ganhar assim a americana aos melhores corredores nollonais. Os lampejos que deixaram fugazmente transparecer ao a-aso das circunstâncias, não chegaram para lhes aureolar o fulgor.

Exibiram-se como grandes senhores; não como grandes desportistas, que esses dão sempre tudo por tudo.

OLIVÉRIO SERPA

figura grada do hóquei e da patinagem

abandona a actividade desportiva no decurso de uma festa que a F. P. P. lhe consagra

SÁBADO, no Pavilhão dos Desportos, realiza-se a festa de homenagem a Olivério Serpa, cuja carreira desportiva — das mais brilhantes de que um atleta se pode vangloriar — termina nessa altura. O magnífico recinto do Parque de Eduardo VII vestirá as suas melhores galas para celebrar o acontecimento; e o público, por certo, não deixará de o encher. Olivério, com efeito, merece bem esse preito de homenagem.

Trata-se realmente de um verdadeiro desportista — com uma folha de serviços prestados ao hóquei (em patins e em campo) notável como a de poucos mais. E a consagração pública de Olivério, de todo ponto justa pelo muito merecimento da sua valiosíssima actividade desportiva, em mais de vinte anos de acção permanente, val constituir, sem dúvida, um dos maiores acontecimentos — quiçá, o mais importante de todos os tempos, no que diz respeito às manifestações hóqueísticas. Para se aquilatar até do seu valor — bastará referir que a festa (e isso sucede pela primeira vez!) foi promovida pela própria Federação. Quer dizer: o organismo máximo, de compararia com a Associação do Sul, tomou a seu cuidado a iniciativa, homenageando, assim, o seu mais valeroso representante desportivo. Isto tem um significado especial — que convém não deixar passar em claro.

Que dizer mais — para saltecer o valor de Olivério Serpa, seguramente um dos maiores expoentes do Desporto Nacional, glória do hóquei e da patinagem? A sua carreira é brilhantíssima — acentua-se uma vez mais; e o seu nome, ligado aos maiores acontecimentos da modalidade, não pode nunca vir a ser olvidado — tão rutilante se é! Melhor do que nós, fala por si a actividade desenvolvida pelo admirável atleta, amador puro e de uma categoria tal que dir-se-ia transcendentais. Transcrevemos, a propósito, da revista «Patim», publicação vinda recentemente a lume e que o nosso estimado camarada Jorge Monteto dirige, a biografia (será completa?) do famoso desportista. Diz-se ali: — «Olivério Aguiar de Serpa nasceu em Lisboa a 22 de Março de 1916. Começou a jogar no Benfica, em 1931, mas dois anos depois transferiu-se para o Futebol Benfica, clube que ainda representa. Campeão e internacional em três especialidades: remo e hóquei em campo e em patins. Récorista de selecções pela turma de Portugal (54), e também, da marcação de golos num desafio contra grupos estrangeiros; 8 à França-B, em 16 de Abril de 1946, no primeiro torneio de Montreux para a Taça da Europa. Estreou-se contra a Suíça (2-0) em Estugarda, na Alemanha, a 1 de Abril de 1936, no 1.º campeonato do Mundo. Disputou todos os jogos da equipa lusitana de hóquei em patins nos últimos 13 anos, excepto os da competição recentemente realizada na Suíça, e foi ainda seleccionado por equipas de Lisboa ou Sul contra Norte (6 vezes, Porto (4), Antuérpia, Barcelona, Montreux e Trieste. E, como seu irmão Sídónio, um dos únicos jogadores que defrontaram todos os países. No

capítulo de golos, com 49 no total, só não bateu guarda-redes das equipas de Espanha, Inglaterra e Itália-B. Campeão nacional de remo em 1942, de hóquei em patins em 1940, 41 e 43 e de hóquei em campo em 1942, 43 e 48, foi também campeão de Lisboa no hóquei em campo 10 vezes (seis consecutivas: de 1938 a 43) e de hóquei em patins 6 vezes (três seguidas: de 1940 a 42). Seleccionado para o 1.º Portugal-Espanha em remo, na Figueira da Foz, em 1942, e para o único Portugal-Espanha de hóquei em campo (1-2) a 30 de Julho de 1939 em Vigo. Em hóquei



Olivério Serpa

em campo defrontou ainda as equipas de Macau e do Porto — 3 vezes cada uma; de Alger e Madrid. Trata-se de um atleta completo, pois pratica igualmente a alta ginástica (no Ginásio C. P.) e a natação, tendo ainda representado o Futebol Benfica em ténis de mesa, aquele clube e o Sporting em futebol (foi guarda-redes nos grupos reservas) e o Instituto Industrial em vólei-bol. Duas vezes campeão do Mundo e da Europa e capitão das turmas de Portugal desde o jogo com a Suíça, no estádio Mayer, em 28 de Agosto de 1945, até o último campeonato (1948) em Montreux. É empregado bancário e cronista desportivo.

Afigura-se-nos que tudo isto é suficientemente elucidativo.

A festa apresenta um programa dos mais atraentes: jogam Benfica-Sporting de Oeiras, Hóquei de Sintra-Paço de Arcos e Futebol Benfica-Gerona (de Barcelona) — clube valeroso que, presentemente, depois de um triunfo sobre o Desportivo Espagnol, marcha à frente do campeonato do país vizinho. Haverá, ainda, patinagem artística, pelas italianas Franca Rio, campeã da Europa e do Mundo, e Leda Pelli, e pelas portuguesas Edite Cruz, Maria Antónia de Vasconcelos e Maria Elvira de Sousa Braga, que representam, respectivamente, Benfica, Sporting e Hóquei C. P.

OS JOGOS DE BOLA

entraram todos em actividade

Os jogos de bola retomaram todos a sua actividade com o regresso do inverno ou com o termo das férias; e o andebol, o volei-bol e o rugbi, últimos a despertar, têm já os seus torneios em curso com promissora animação.

São oito os clubes concorrentes, os mesmos que jogaram na época passada, divididos em duas séries; na primeira, o Sporting venceu o Oriental por 5-2 e o Glória ganhou ao Amadora por 4-2; na segunda, o Belenenses derrotou o Benfica por 7-5, no encontro mais importante e renhido da jornada, as passo que o Almada marcou pontos por falta de comparência de «Os Treze», que apenas reuniu sete elementos.

O Torneio de Abertura do rugbi, traduzindo os persistentes esforços dos dirigentes da modalidade, engloba um número há muito desconhecido de concorrentes, sete, com nove equipas. O Benfica e Agronomia apresentaram dois grupos e reaparecem na modalidade o Atlético e o Instituto Industrial.

Verifica-se assim que a moel-

dade académica continua fornecendo o mais largo contingente para os praticantes do rugbi, cujo difícil progresso tem sido até agora a consequência da escassez de recrutamento de novos jogadores. Os estudantes universitários, adoptando o rugbi como seu desporto favorito, remediarão essa insuficiência, caso consigam obter condições de preparação física e técnica conveniente.

O volei-bol, que começara há duas semanas com a «poule» de classificação dos grupos eliminados da série final do campeonato da 2.ª Divisão, estreou no domingo o campeonato de juniores, ao qual concorrem apenas quatro clubes (Benfica e Sporting com dois grupos cada), o que nos parece pouquíssimo para o incremento que o volei-bol adquiriu em Lisboa.

Na jornada inicial, o Sporting foi o grande triunfador, derrotando as equipas A do Benfica e dos Estudantes do Império; no terceiro encontro, o Benfica B superou o Ateneu por 3-2, sendo de 3-0 os outros dois resultados.

CAMPEONATO NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

Resultados da última jornada:

| | | | | |
|--------------|---|---|--------------|---|
| Sporting ... | 8 | — | Covilhã.... | 1 |
| Académica... | 7 | — | Olhanense.. | 1 |
| Estoril..... | 1 | — | Braga..... | 2 |
| Elvas..... | 1 | — | Benfica.... | 0 |
| Guimarães.. | 3 | — | Belenenses.. | 3 |
| Lusitano.... | 1 | — | Atlético... | 2 |
| Setúbal.... | 3 | — | Porte..... | 0 |

Classificação geral

| | CASA | | | | FORA | | | | TOTAL | | | |
|-----------------|------|----|----|-------|------|----|--------|-----|-------|-----------|--------|---|
| | J. | V. | E. | D. B. | V. | E. | D. B. | V. | E. | D. B. | P. | |
| Sporting | 6 | 3 | — | 16-3 | 2 | — | 1 9-4 | 5 | — | 1 25-7 | 10 | |
| Benfica..... | 6 | 2 | 1 | 10-2 | 2 | — | 1 9-4 | 4 | 1 | 1 19-6 | 9 | |
| Académica.... | 6 | 3 | — | 13-2 | — | 3 | — | 3 3 | — | — 17-6 | 9 | |
| F. C. Porto ... | 6 | 3 | — | 11-3 | — | 1 | 2 | 2-6 | 3 | 1 | 2 13-9 | 7 |
| Atlético..... | 6 | 1 | 2 | 10-3 | — | — | 2 2-6 | 2 | 2 | 2 10-8 | 6 | |
| Sp. Braga.... | 6 | 2 | — | 1 9-4 | 1 | — | 2 4-7 | 3 | — | 3 13-11 | 6 | |
| V. Setubal.... | 6 | 2 | 1 | 10-6 | — | 1 | 2 3-9 | 2 | 2 | 2 13-15 | 6 | |
| Sp. da Covilhã | 6 | 1 | 2 | 9-6 | — | 1 | 2 4-13 | 1 | 3 | 2 13-19 | 5 | |
| Belenenses... | 6 | 1 | 1 | 1 3-7 | — | 2 | 1 4-7 | 1 | 3 | 2 7-14 | 5 | |
| Estoril..... | 6 | 1 | — | 2 2-6 | — | 3 | — | 3 2 | 1 | 3 2 11-15 | 5 | |
| «O Elvas».... | 6 | 2 | 1 | 4-2 | — | — | 3 2-3 | 2 | 1 | 3 6-10 | 5 | |
| V. Guimarães. | 6 | 1 | 2 | 8-6 | — | — | 3 3-13 | 1 | 2 | 3 11-19 | 4 | |
| Olhanense.... | 6 | 1 | 1 | 1 6-6 | — | 1 | 2 2-12 | 1 | 2 | 3 8-18 | 4 | |
| Lusitano..... | 6 | 1 | 1 | 1 6-5 | — | — | 3 3-13 | 1 | 1 | 4 9-18 | 3 | |

Domingo, 7.ª jornada: Académica-Elvas; Benfica-V. Guimarães; Belenenses-Lusitano; Atlético-Estoril; Braga-Sporting; S. Covilhã-V. Setubal; Olhanense-Porto.

ARCADIA DANCING DE LUXO

APRESENTA O MELHOR PROGRAMA DE VARIEDADES DE LISBOA

Estrearam-se ontem, pela primeira vez em Portugal, com grande êxito, os extraordinários artistas dinamarquezes

PRULLIÉ & TALOW

O GRACIOSO BALLET INTERNACIONAL SACHA GOUDINE

PARELHA DE BAILE CASTIÇO ESPANHOL OLYPIA Y RAGA

As dinâmicas Orquestras RIO CLUB e ARCADIA

E outras grandes atracções

Segunda Divisão

DUMA maneira geral, a confusão e a embrulhada é total. Clubes que se julgam em posição firme ou averbam exibição premeditada, constroem castelos no ar que desabam estrondosamente em jogos seguintes.

Isto não é de ontem nem de hoje, mas de sempre.

Os clubes que parecem fácil press, vão buscar todas as suas energias e recursos. Batem o pé. Discutem o resultado.

E neste campeonato da II Divisão, não são agradáveis realidades as equipas do Vila Real, Académico de Viseu, Oriental, União de Coimbra, Portimonense e mais umas tantas reveladoras dum processo e de trabalho?

E' esta a verdadeira lição do Nacional da Segunda Divisão: que para além dos resultados existe uma escola que dá os seus frutos, e tem raízes e força. Isto são coisas em que os adeptos colados ansiosamente à cor da camisola preferida não pensam. Mas são verdades em que os outros, aqueles que gostam do futebol pelo futebol e que raramente vibram com a proeza dum determinado grupo, atentam e reparam. E têm que se concordar que são verdades de bom gosto. E agora analisemos os resultados. Em parlance de honra o Vila Real, o Oliveirense e o Castelo Branco.

Vila Real é um valor positivo. Tem sempre desempenhado papel bonito e principal, neste campeonato. Chegou a uma final em que cedeu frente ao laureado Estoril. Mas este ano, parece que irá mais longe...

A turma está cheia de moral e as perspectivas são na realidade boas. Os transmontanos pensam até em fazer regressar à equipa o avançado-centro Castanheira, já há algum tempo por terras africanas. E seria com certeza um esplêndido reforço. Aguardemos. O futuro mostrará se a sorte quer proteger o aguerrido grupo do Vila Real.

Oliveirense foi a Matosinhos conquistar um empate. Dix a crítica que ele foi devido à grande actuação do guarda-redes de Oliveira de Azemeis. Este Teixeira, já quando o grupo passou pela Primeira Divisão, tinha estado no segredo, de muitos bons resultados conquistados. E agora no Nacional da Segunda, parece que continua. Mas os porquês não interessam. Interessa, sim, focar no que tem de elucidativo a boa marca alcançada. Será ela o princípio duma bonita carreira?

Leixões, marcou passo. Como reagirá?

Enfim, Académico de Viseu foi derrotado. Coube a honra ao Castelo Branco. Um resultado não é nada, dirão os optimistas. Mas a perda de dois pontos é muito, contra poetas pessimistas. E nós pensamos que este resultado não quer dizer nada, e que o Académico de Viseu prosseguirá na sua brilhante carreira. A equipa tem estofos suficientes para não ser abalada por um só resultado adverso.

Os outros jogos deram vitórias

excelentes ao Tirsense — mata gigantes que de vez em quando honra o nome; ao Beira Mar — que venceu contra todas as previsões uma equipa com belo balanço; ao União de Coimbra — a mostrar cada vez com mais força que as suas possibilidades são de fixar; ao inevitável Oriental; aos sempre novos e animosos «Gansos»; ao União de Montemor, e ao já consagrado Portimonense, a preparar-se para vãos largos. O resultado do Barreirense é de salientar. Ir empatar ao próprio campo do Almada é proeza de relevo. Teria o Barreirense encontrado neste jogo o bom caminho?

E agora, uma previsão, que o caminho do Campeonato admite: quais as equipas que se classificariam para a segunda fase?

Respondemos: Vila Real, Famalicão, Leixões, Académico do Porto, Ac. de Viseu, C. Branco, União, Ferroviários, Oriental, Casa-Pia, C. U. F., Barreirense, União de Montemor, Estrela F. C., Portimonense e D. de Beja.

E se errarmos não teremos que pedir desculpa, pois sempre afirmamos que o equilíbrio é nítido e os resultados dão pontapé na lógica. Ou não será isto?

J. A. DE FREITAS

E, agora os resultados:

ZONA A

Série I

| | |
|--------------------|---------------------|
| Sporting de Fafe 0 | — Vila Real..... 1 |
| D. Chaves..... 3 | — Monção..... 2 |
| Gil Vicente..... 6 | — F. C. Fafe..... 4 |
| Vianense..... 1 | — Famalicão..... 4 |

Série II

| | |
|-------------------|----------------------|
| Saizoaense..... 1 | — Tirsense..... 3 |
| Leixões..... 1 | — Oliveirense..... 1 |
| D. Aves..... 2 | — Sp. Espinho..... 2 |
| Académico..... 0 | — Beira-Mar..... 5 |
| Boavista..... 4 | — Leça..... 1 |

ZONA B

Série III

| | |
|-----------------------|-------------------------|
| L. Vildemolinos 3 | — Gouveenses..... 1 |
| S. L. Viseu..... 1 | — Covilhãense..... 0 |
| Castelo Branco..... 2 | — Acad. de Viseu..... 1 |
| Sp. Lamego..... 3 | — Guarda..... 2 |

Série IV

| | |
|--------------------|------------------------|
| Alcanenense..... 2 | — Naval..... 1 |
| «Leões»..... 0 | — U. Coimbra..... 2 |
| Mariálys..... 2 | — G. Alcobaca..... 2 |
| Rosilense..... 0 | — Ferroviários..... 2 |
| Torreense..... 2 | — Conimbricense..... 0 |

ZONA C

Série V

| | |
|----------------------|--------------------------|
| S. L. Oliveis..... 2 | — Futebol Benfica..... 1 |
| Palmeirense..... 2 | — Oriental..... 3 |
| Arrols..... 1 | — Alhandra..... 0 |
| Casa Pia..... 4 | — Operário..... 0 |

Série VI

| | |
|-------------------------|--------------------------|
| Cuf do Barreiro..... 3 | — Gládio do Sul..... 0 |
| Luco do Barreiro..... 2 | — Seixal..... 3 |
| Almada..... 0 | — Barreirense..... 0 |
| Montijo..... 2 | — Cova da Piedade..... 0 |

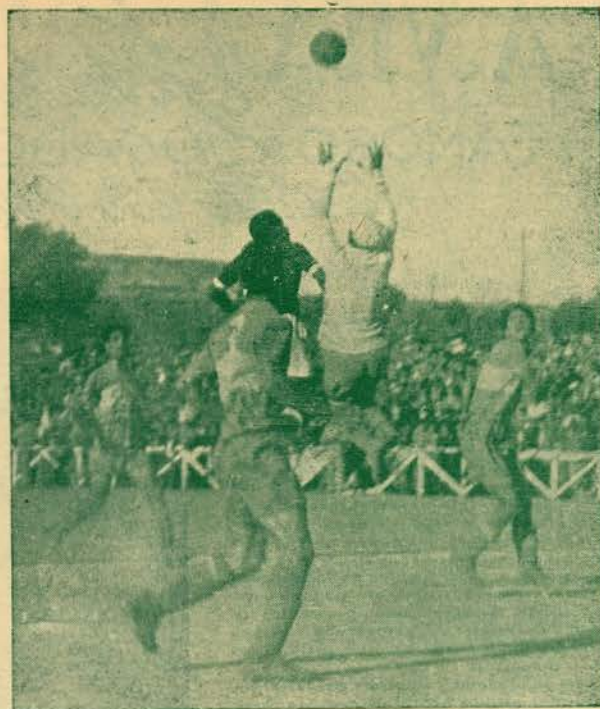
ZONA D

Série VII

| | |
|---------------------------|---------------------------|
| Juventude..... 2 | — Elétrico..... 1 |
| Estrela (Portalg)..... 1 | — Camposalense..... 2 |
| Estrela de V. N. G..... 6 | — Lusitano (Évora)..... 0 |
| União Sport..... 5 | — Portalegrense..... 1 |

Série VIII

| | |
|--------------------------|------------------------|
| Bea Esperança..... 4 | — Aljustrelense..... 2 |
| Sp. Farense..... 3 | — F. C. Silves..... 1 |
| D. de Beja..... 2 | — Portimonense..... 3 |
| Atlético de Moura..... 2 | — S. L. e Faro..... 1 |



Espirito Santo eleva-se agilmente e tenta o golpe de cabeça, mas não consegue o intento. O guarda-redes do Elvas mostra-se seguro

Elvas bate Benfica

A vitória tem influência no futuro da equipa

A partida de Elvas desenvolveu-se em atmosfera de grande entusiasmo. E, caso curioso, mesmo no decorrer do encontro, quando o futebol praticado não chegou a um nível de boa média, a vibração manteve-se. A primeira parte decorreu com fases movimentadas de ataque, ora num ora noutro campo. Talvez que os elvenenses se mostrassem mais vezes na ofensiva, mas o colorido era de nivelamento de forças. Aos ataques de cada lado correspondia movimentos defensivos que iam

inutilizando o trabalho desenvolvido pelos avançados. Com um golo à meia hora, Elvas colocou-se em vencedor.

No segundo tempo, os benfiquistas lançaram-se abertamente para a frente: o seu domínio territorial foi grande, mas o talento de remate nulo. Da parte do Elvas registou-se, em vários instantes, o engodo pelas balizas ou sentido de remate, e daí mostrar-se mais ameaçador e perigoso. O triunfo é o fruto dessa preocupação de remate. E, verdade velha, os desafiados ganham-se — marcando bolas.



Andebol — A equipa do F. C. do Porto, vencedora da sua Série, que conquistou a Taça «O Primeiro de Janeiro»

A VIDA de Fernando PEYROTEO

FAMOSO JOGADOR DE FUTEBOL

Escrita por Pitta Castilho

(Continuação)

Aos companheiros, Fernando, assegurava com a sua actuação a confiança de que um jogo não estava perdido antes de expirar o tempo regulamentar. A potência e facilidade de remate, e engodo pela baliza, o poder das suas imprevisíveis fugas, sustentando estoicamente as «cargas» de um, dois, três e mais adversários que lhe procuravam impedir a progressão iniciada a meio campo sem qualquer resultado, eram aliante esperanças que permitia encontrar, bem como, o fogo sagrado, da luta plebiscitária que credita uma equipa consciente e confiante no que pode e no que vale.

Para os adversários no campo — mas amigos, despida a camisola que os colocara em posição adversa — Fernando era simplesmente um pesadelo. A preocupação dominante era frustrar-lhe os intentos, cercar-lhe o campo de acção, impedir a todo o transe que pudesse rematar à vontade.

Escrupulosos no cumprimento desta determinação, quantos não levaram o zelo longe de mais, esquecendo o elemental respeito que se deve a um adversário, que só como tal deve ser considerado e não como inimigo... e mesmo que o fosse as virtudes cívicas ainda são um dom moral que dignifica o homem e, mormente, um desportista.

Sem temor, o avançado-centro do Sporting e da equipa nacional nunca fugiu ao embate, mas superior por fadiga e educação à contenda e ao deprimimento que redundava no vergonhoso pugilato, jamais desceu a atitudes menos próprias, impondo-se ao excelso árbitro pela exemplar compostura e auto-domínio, não maculando o prestígio pessoal de homem e de jogador pundonoroso com réplicas — tantas e tantas vezes bem necessárias — grosseiras.

No declinar do ano de 1941, aos 21 de Dezembro, tomou parte no encontro Porto-Lis-



Peyroteo marcou as duas bolas no encontro da Corunha, quando perdeu contra a Espanha por 4-2, e no final do desfecho, todos os marcadores tiraram juntos a fotografia

boa, o 39.º da série entre os dois principais centros futebolísticos e no sempre recordado com alegria, primeiro de Janeiro de 1942, jogou com o seu magnífico esforço a derrotar a poderosa equipa helvética por três golos

sem resposta, encontro memorável esse em que a turma portuguesa jogou com indiscutível autoridade, anulando por completo a maestria dos brilhantes atletas suíços.

Já com seis «internacionalizações», em 11 do mesmo mês, averbou nova vitória contra a equipa nortenha, no XL Porto-Lisboa, colando-se, mais uma vez, como uma esplêndida unidade e um temível rematador.

Como galardão final desta época, juntou aos seus títulos mais um: o de campeão de Lisboa!

Na época seguinte, sem desafios entre nações, limitou-se a defender o seu clube, dando-lhe o costumado contributo, com a mesma generosidade e dedicação, obtendo mais um campeonato da cidade.

Em 1933-44, manteve-se o panorama da temporada transacta, de inactividade para a selecção portuguesa, apenas valorizada com alguns jogos regionais.

No, XLI Porto-Lisboa disputado em 2 de Abril de 1941, Fernando confirmou as excelentes qualidades de marcador fazendo que o esférico tocasse as malhas da baliza à guarda do «porteiro» da cidade aviada, quatro vezes!

Nos dias 9 e 10, do mesmo mês, respectivamente contra os grupos representativos do Porto e Aveiro, em defesa da camisola preto-bianca da cidade de Lisboa, marcou boa posição, conseguindo mais três golos, dois no segundo e um no primeiro desfecho.

Não conseguiu ser campeão da cidade é certo, mas substituiu com vantagem este contratempo, ganhando o Campeonato Nacional!

Em 1943-45, efectuaram-se encontros entre Portugal e outros países, nada menos de três, tendo Fernando sido escolhido, sem descrepâncias para fazer parte da equipa.

No dia 11 de Março de 1945, tendo como cenário esse maravilhoso Estádio, do Vale do Jamor, que todos os desportistas ficaram vendo ao saudoso ministro eng.º Durte Pacheco, portugueses e espanhóis, encontraram-se mais uma vez para derrota a supremacia peninsular, nesta modalidade desportiva.

Que magnífico aspecto oferecia o Estádio, com a iluminação «xudida» por uma multidão frenética, ansiosa, e cheia de fé!

Silvafer do Carmo, um dos seleccionadores, confiava e os jogadores também tinham esperança... desta vez o «enguço» quebrava-se... era certo.

Contudo, no fim do encontro, ambas as equipas tinham marcado dois golos... ainda não fora desta vez...

Peyroteo, obteve as duas bolas portuguesas, tendo tido a honra de ser o primeiro marcador, aquele que pela primeira vez «brigara a bola a beijar as redes ainda não maculadas por qualquer outro contacto!

Do que foi a sua a câ no lado de Francisco Ferreira, Quaresma, Cardoso e Azevedo — os mais destacados — e dos restantes, fizeram os críticos na altura pópulo!

Em Maio, no sexto dia, de novo alinhou com a forte equipa espanhola, ansiosa pela rectificação do resultado de Lisboa, realizando-se a pugna na Corunha.

A equipa escolhida pelo dr. Tavares da Silva, não foi feliz, tendo perdido por 2-4, embora se afirmasse possuidora de consciência técnica e tivesse «feitivado», de uma maneira al, exibição mais convincente de que em Lisboa.



A Selecção de Portugal que defrontou a Suíça, nas Siléias, a 1 de Janeiro de 1942, ganhando brilhantemente por 3-0. Em pé — da esquerda para a direita: Marques, negociante; Francisco Ferreira, Martins, Peyroteo, Condiário, Alberto Gomes, Mourão, Soares, João Cruz, Francisco Albino e Pinga. Sentados: Carlos Pereira, Rafael, Amaro, Leonel, Gaspar Pinto, Cardoso e Azevedo

(Continua)



FERNANDO ALMEIDA (do Oriental), extremo-direito, que se tem destacado, sendo já hoje considerado um valor do Jogo

FERNANDO ALMEIDA

extremo-direito do Oriental

fala ao público pela primeira vez

o defeso e início da actual temporada, tendo tido a recuperação de forma.

Mesmo assim, tomou parte em todos os prêmios da «Taça Preparação» da A. F. L. e nos do Campeonato Nacional da II Divisão, ora em curso.

Convocado para a selecção de Lisboa que se bateu com a selecção siciliana, no dia 6 de Outubro, encontro este integrado na festa de despedida do famoso Fernando Peyroteo, declinou voluntariamente o honroso convite por reconhecer que não estava capazmente preparado ainda. Este gesto é de registar pelo seu desportivismo.

Apresentado o Almeida, do Oriental, registamos seguidamente as suas breves opiniões. — Quanto a clubes — começou — pelo que tive ocasião de verificar durante a «Taça Preparação», o Sporting, embora jogue menos do que no ano anterior, deve ser um dos grupos com mais probabilidades no Campeonato Nacional. Mas há que contar com a Província, onde os clubes locais são habitualmente multissimos difíceis e, ainda, com os da capital e do Porto.

«Na II Divisão, tenho fé no Oriental. Na nossa série o adversário mais perigoso deve ser o Alhandra, no seu campo. Quanto a merecimento técnico, a minha preferência vai para o Casa Pia, o melhor depois do meu, claro.

— Gosta de marcar tentos? — inquirimos.

— Bastante. Na Taça devo ter marcado uns cinco e no actual campeonato outros tantos. Embora me dê um enorme prazer atirar à baliza, só o faço quando não vejo companheiros meus em melhor posição para esse feito. O lugar que occupo é da minha predilecção e jogo sempre com al-gria, procurando com o meu concurso, modesto é certo, mas desinteressado e cheio de dedicação servir o clube a que orgulhosamente pertença e bem digno é do esforço e entusiasmo de toda a rapaziada, que diga-se com verdade, não lhe o nega nem regateia.

— Jogadores preferidos?

A resposta é imediata, como se já aguardasse a pergunta.

— Francisco Ferreira, Carlos França, Rogério, Azevedo e Peyroteo. Que pena que o último se tenha afastado tão e do das pugnas! Ainda, e em especial, Leitão, o interior direito da minha equipa, um grande jogador em qual quer clube e um camarada dos melhores pelas excelentes qualidades de carácter que possui. No meu lugar, Jesus Correia é dos modernos o melhor, o mais rápido e o mais perigoso no remate. Também não esqueço o defeso esquerdo do Alhandra que é um caso sério para «salgar».

— Como faz a sua preparação e em que passa o tempo depois de sair do seu emprego? — perguntamos.

— Faço ginástica metódicamente e sempre os meus deveres militares o consentem, compareço aos treinos. Deito-me cedo, levanto-me cedo e sou comedido na alimentação e nas bebidas.

«Pratiquei atletismo tendo, há dois anos, saltado em altura 1,75 e corrido os 80 metros em 9,2 segundos, e gosto de volei. Nas horas vagas leio, porque é um dos meus entretenimentos favoritos, e Zola o escritor que mais me agrada. O cinema e o teatro também são da minha predilecção. Presentemente, só anelo por residir a «formas perdidas e ajustar o meu clube a desbravar os escolhos, por

forma a conseguir a entrada no Nacional da I Divisão!

— Quanto a recordações, que me diz?

— Que a mais alegre é a do jogo contra o Portimonense, que ganhámos por 6-1 no nosso campo. Não pelos 3 tentos que meti, mas sim pelo que eu e os meus companheiros jogámos. O reverso da medalha, a derrota por 6-2, no Estádio Municipal de Coimbra, frente a Académico. Eu e os rapazes estranhámos a relva e em tarde de fraca insolação jogámos muito áquem do que valemos.

— Tem ambições, Almeida?

— Sim senhor. Que o meu clube consiga salvar o campo e ingressar no Campeonato Maior.

Com tão inesperada resposta à pergunta formulada com outro intuito, embora por finda a entrevista.

PITTA CASTELEJO

AS NOSSAS CARICATURAS



Manuel Vasques, do Sporting, jogador de grandes recursos e de estilo clássico, é uma figura do Fut-bol, visto desta maneira original pelo grande artista algarvio, Adriano

O Clube Oriental de Lisboa, um dos seis principais agrupamentos da capital, também tem os seus valores no futebol.

O simpático clube, que já realizou uma obra notável, é bem digno de vida florescente e cheia de triunfos, que lhe apeteçamos muito sinceramente.

Um dos elementos da sua categoria principal depõe hoje, num rápido e despretencioso inquérito, marcando de forma precisa e conclusiva a posição dos «orientalistas» nesta série de entrevistas que subordinamos ao título de *Novos valores do futebol*.

Fernando Santos Almeida, nasceu em Marvila aos 18 de Agosto de 1928, portanto há 21 anos.

Contrariamente à maioria, para não dizer quase totalidade dos atletas que pisam os nossos campos, não teve preparação com bolas de trapos, não escangalhou as biquirras das botas, durante a sua meninice, no basalto das ruas; a vigilância paterna era cuidadosa e a inclinação do neófito muito restrita.

Quando a ocasião se deparava lá se entretinha, mas sem entusiasmo, sem convicção firme.

Na temporada de 1944/45, com 16 anos, a cons-lho dos amigos mais íntimos, compareceu a um treino no campo do Marvilense e tentou... andebol. Inscrito por esse clube, participou no campeonato de juniores dessa época e, em parte da seguinte. O rapaz revelou qualidades e se continuasse, era possível que se firmasse como excelente unidade.

Todavia, a sua carreira na modalidade foi curíssima, quase episódica, porque já integrado no ambiente desportivo, mais uma vez os amigos o aconselharam a experimentar servir-se dos pés para dominar uma bola, de preferência a sujeitá-la com as mãos.

Concordou para não contrariar, mas o certo é que gostaram do que pôde ser e, assim, assinou ficha pelo Clube Oriental de Lisboa, que resultara da fusão do Chelas, Fósforos e Marvilense, e nessa mesma temporada ingressava na equipa de juniores de futebol, a avançado centro, abandonando a prática do andebol.

Findo o campeonato, a turma que capitaneava situou-se em terceiro lugar, e em consequência do valor demonstrado e da sua tendência para alçar a baliza, teve a honra de ser seleccionado por Lisboa para o encontro com Setúbal, cujo resultado foi favorável aos alvi-negros, por 3-1, tendo marcado uma bola.

Em 1947-48, continuou nos juniores durante os primeiros jogos, ascendeu à segunda categoria e depois às reservas, ocupando nesta última o lugar de extremo-direito. No último desafio da época, no seu novo posto, defrontou em categoria de honra o Futebol Clube Barretrense, tendo a sua estreia ficado assinalada com uma derrota da sua equipa.

Na temporada finda, com acções irregulares devido à prestação do serviço militar e a depauperamento físico, alternou as actuações em reservas e primeira categoria sempre à ponta direita.

Em Familiar, evidentemente confundido, foi obrigado a uma inactividade forçada durante

SPORTING à cabeça

ESTORIL perde com BRAGA

Na apreciação do que se passou na 6.ª jornada deve pôr-se frente de toda a ordem de considerações, mesmo da passagem do Sporting para a cabeça e da descida de um grau apenas do Benfica, a excelente colocação da Associação Académica. Os rapazes de Coimbra, dando mostras de conjunto afinado e de uma técnica já muito apurada, estão a animar a Prova de maneira muito digna. São a revelação desta época.

Em Lisboa jogou o Sporting. Os leoninos fizeram uma exibição muito agradável, com nítido poder de realização. Os leões da Covilhã não foram diminuídos da luta, mas, evidentemente, foram suplantados pela melhor classe dos sportingistas lisboetas e também pela necessidade de golos por parte destes, por virtude da classificação (contagem de golos). Várias das combinações sportingistas saíram perfeitas, e a defesa adversária sentiu demasiadamente o peso de um ataque realizador e convencido do seu mérito. As equipas como o Sporting são uma espécie de papá; não admira a timidez do adversário...

O representante de Braga deu-nos uma bela surpresa, a qual foi a conta em que se tenha o futebol praticado. Certamente, o Estoril, dominou territorialmente e deu sensação de onse mais compenetrado dos seus deveres. Mas isso não interessa. Os bracarenses, na animação de conquistarem dois pontos mais do que mereciam, lutaram com entusiasmo invulgar, opondo um dique à onda inimiga.



Wilson não chega a tempo desta vez, pois o guarda-redes António José faz defesa antecipando-se com êxito

António José eleva-se bem e defende com mestria. Rola, como lhe cumpre, segue ainda atentamente o lance



Estoril, 1 — Braga 2 — Em cima: Quando o Estoril dominou territorialmente, atacando com vivacidade, os bracarenses defenderam-se com singular energia
♦ À esquerda: Uma defesa, difícil e aperçada, de Cestário (Sporting de Braga)



Sporting, 5 — Covilhã 1 — De cima para baixo: Jesus Correia tenta captar a bola e desenvolver a avançada, mas o adversário, já bem lançado, não está pelos ajustes... ♦ Azevedo defende a bola, por alto, a soco. Juvenal está atento!



Mota conquista o esférico, mas não deve rematar em situação tranquila...

COMEÇOU o Campeonato do Sul

Os frutos da nova orientação da actividade da Associação de Xadrez do Sul começam a aflorar...

E a quase todos os Grupos filiados há movimento intenso. Muitas vezes de jogadores entre si discutindo os torneios de 3.^{as} categorias, com a determinação do novo calendário de provas proposto pela A. X. S. e superiormente aprovado pela Federação e com plena concordância com a Associação do Norte.

Mas a prova mais importante da actualidade é a que se está disputando na Sociedade de Geografia, com vistas à selecção lisboeta para o projectado torneio tripartido Lisboa-Porto-Colimbra, a realizar na cidade universitária no princípio de Dezembro. Trata-se do Campeonato da Associação de Xadrez do Sul, no qual só podem participar titulares das categorias de Mestre de Honra.

Esta prova, que dantes era restringida ao Campeonato de Lisboa, tem-se disputado regularmente desde 1937, mas há duas épocas que não se efectuou.

Na lista de campeões figuram algumas figuras grandes, como Carlos Pires (1937 e 1946), dr. Gabriel Ribeiro (1938), Masoni da Costa (1939), João de Moura (1940), Peter Baumann (1941), eng. Correla Neves (1942), Francisco Lusi (1943-44), Gabriel Russell (1945) e eng. Nandá de Carvalho (1947).

Dos xadristas citados, só três estão disputando o Campeonato actual: Carlos Pires, João de Moura e Francisco Lupi. Os restantes concorrentes são Araújo Pereira, Vasco Santos, J. Castanho Vinagre, dr. Emílio Valladares e Adílio G. Ilhardo, da Categoria de Honra, e ainda o mestre Marçal Rocha.

Na primeira sessão, registaram-se

vitórias de Francisco Lupi e João de Moura, sobre José Vinagre e Adílio G. Ilhardo, respectivamente. Marçal Rocha venceu Carlos Pires, após suspensão e adiamento da partida. Araújo Pereira e o dr. Valladares empataram.

Moura obteve o primeiro resultado da prova, jogando num estilo simples e incisivo. Lupi derrotou a seguir José Vinagre, numa partida em que sacrificou um peão para obter um ataque decisivo, sacrificando depois uma peça.

Araújo Pereira e Valladares jogaram uma partida com fiação empática, confirmando-se o «caulo» no final de Torres.

Pires fez um mau jogo, consentindo que Rocha sacrificasse uma peça por três peões, passando outros tantos, os quais decidiram a contenda.

Na 2.^a jornada, Vasco Santos estreou-se no torneio, ganhando a Vinagre, não sem ter suportado um engenhoso contra-ataque. Araújo Pereira, que ultimamente tom evidência de excelente forma, foi batido por Adílio G. Ilhardo, num jogo fresco. Os quatro mestres inscritos jogaram entre si, mas ambas as partidas ficaram suspensas para continuarem no dia seguinte. Francisco Lupi, derrotando Marçal Rocha, sacrificou de novo uma peça para obter ataque directo, mas deve ter falhado na melhor continuação, pois o adversário libertou-se depois com facilidade, embora cometendo um erro que lhe tirou as esperanças de vitória. Lupi acabou por vencer no final. Pires e Moura, ambos ex-campeões de Portugal, disputaram jogo renhido, acabando em igualdade.

O campeonato prossegue com muito interesse, quando escrevemos.

Uma piscina em Elvas?

DECIDIDAMENTE, o exemplo de Coimbra parece deslindado a dar os melhores frutos. De facto, o movimento a favor das piscinas municipais ganha vulto. Esta, pode dizer-se, na ordem do dia. E ainda bem que assim sucede, pois que a nataçãõ d'ora certamente grande e decisivo passo em frente no dia em que, pelo menos, cada cidade dispusesse de uma piscina de dimensões regulamentares com um mínimo de comodidades — à cabeça das quais devem figurar, sem dúvida, as que se destinam aos praticantes.

O caso que hoje trazemos a lume é deveras curioso e digno não só de todo o interesse como também de todo o encorajamento. Se na realidade nos tivéssemos chegado a notícia do projecto de uma piscina em qualquer centro de certo modo ligado à nataçãõ — Aveiro, Porto, Viana, Selubal — ou que nos dissessem que qualquer região do litoral, daquelas que têm no mar, quantas vezes a própria razão da sua existência, pensava dedicar-se d' nataçãõ, o caso não deixaria por certo de constituir surpresa, mas não causaria tão viva admiração.

Porque de facto o que torna o acontecimento particularmente curioso é o tratar-se de uma cidade do interior — a cidade fronteiriça de Elvas.

A iniciativa — bela e dignificante iniciativa — partiu, ao que nos dizem, do sr. Vicente de Azevedo, individualidade em destaque no típico burgo alentejano, vereador da Câmara e presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados de Águas, que teve o cuidado de conseguir interessar a edilidade elvensã na construção de uma piscina, utilizando assim um caudal de água recentemente descoberto, o qual não pode, porém, ser aproveitado para consumo.

O distinto vereador esteve recentemente em Lisboa, tendo visitado o estádio náutico de Algezes e trocado impressões com o presidente da Federação Portuguesa de Nataçãõ, que lhe prestou todos os esclarecimentos e prometeu o mais vivo e entusiástico apoio da entidade máxima da nataçãõ portuguesa.

Por nossa parte, só desejamos que tão útil e proveitosa iniciativa encontre o melhor acolhimento e se torne o mais rapidamente possível esplendorosa realidade. Elvas podia então orgulhar-se de ter prestado um belo serviço à nataçãõ. E a piscina seria, além de mais um motivo de valorização turística, um belo ponto de partida para uma maior valorização desportiva.

Para bater um recorde mundial

DESAPOSSADO pelo finlandês Ilmo do seu recorde mundial dos dez quilómetros, o checo Zlatopk resolveu recuperar o seu bem e entregou-se durante três semanas a um trabalho intenso de preparação que lhe chega a parecer inerosimil, pois nesse espaço de tempo correu nada menos de 400 quilómetros!

O famoso pedestriano explicou assim o seu regime de treino: «No primeiro dia da preparação especial corri 5 vezes 200 metros, 20 vezes 400 metros e outras 5 vezes 200 metros em velocidade. Entre os 200 metros em «prints» corria outros centos em passada, devagar, ou seja mais dez vezes 500 metros. Total: 10.000 metros em velocidade e 2.000 metros em passada, na mesma sessão.

«Da 2.^a à 15.^a sessão, corri sempre 5 vezes 200 metros em «prints», 30 vezes 400 metros, 5 vezes 200 metros rápidos e mais, naturalmente os dez «recursos» intercalados de 200 metros em passada.

«Na 16.^a e na 18.^a jornadas, relomei o programa da primeira; na 20.^a corri 5 vezes 200 metros, 10 vezes 400 metros e de novo 5 vezes 200 metros em «prints». Descansei nos 17.^{os}, 19.^{os} e 21.^{os} dias e no 22.^o, à tarde, antes da tentativa contra o recorde percorri 2 quilómetros em andamento médio e 4 vezes 100 metros na máxima velocidade.

Acreditava-se que seja como Zlatopk o coala, porque o consideramos indivíduo excepcional; que resistência formidável, que reserva inexgotável de energias são necessárias para suportar vigorosamente a tamanha soma de esforços. Gostaríamos de saber quanto durava cada uma das extraordinárias sessões de treino e quais eram os tempos médios do checo nos 200 e 400 metros nas repetições.

O sistema de preparação de Zlatopk, para uma prova de fundo, assentando exclusivamente sobre a repetição de certos períodos rápidos — espaçados não sabemos de quanto — tem cunho de originalidade e prova, uma vez mais, que não existem em atletismo normas inultráveis nem ortodoxismo de aplicação geral.

Boavista, 3-Beira-Mar, 1



O ponta-esquerda do Boavista tenta o remate de cabeça, mas a defesa do Beira-Mar consegue afastar o perigo

ABREU TORRES

Compre
a "Stadium"

A LISTA DOS RECORDES CLUBISTAS NACIONAIS

O trabalho que apresentamos de seguida é susceptível de rectificações e estimamos que os interessados nos o façam a conhecer. Servindo-nos do nosso vasto arquivo pessoal, elaboramos a lista dos recordes clubistas das principais agremiações portuguesas conagradas ao atletismo, na ideia de que ao público agrade conhecerlas.

Tomando como base as 17 provas individuais do programa olímpico, a média em pontos finlandeses para cada lista é a seguinte: Sporting, 825,47; Benfica, 791,64; Académico, 760,41; Internacional, 710,61; F. C. do Porto, 682,82; Belenenses, 677,88; Sport C. Porto, 652,41. Por esta ordem as iremos indicando.

Sporting Club de Portugal

100 e 200 metros: Nuno de Moraes, em 10,6 e 22,1 s.

400 metros planos e com barreiras: Artur Dias, em 50,9 s. e 59,1 s.

800 e 1.500 metros: Francisco Bastos, em 1 m. 57,5 s. e 4 m. 8,7 s.
5.000 e 10.000 metros: Afonso Marques, em 15 m. 25 s. e 32 m. 23,4 s.

110 metros-barreiras: Palhares Costa, em 16 s.

Saltos: em altura, António Cardoso com 1,84; comprimento, Alvaro Dias com 7,31; triplo, João Vieira com 11,70; vara, F. Boaventura com 3,70.

Lançamentos: peso, disco e martelo, Manuel da Silva, com 13,955 42,24 e 48,341; dardo, J. Maralha com 52,703.

Sport Lisboa e Benfica

100 metros: Tomás Paquete em 10,6 s.

200 metros: P. Vasconcelos em 22,4 s.

400 metros planos e com barreiras: Matos Fernandes em 50,4 s. e 55,1 s.

800 metros: Adriano Gomes em 2 m. 2,4 s.

1.500 metros: Pires de Almeida em 4 m. 13,6 s.

5.000 e 10.000 metros: João Silva em 15 m. 35,6 s. e 32 m. 15,8 s.

110 metros-barreiras: Luis Alcide em 15,4 s.

Saltos: altura, Espírito Santo com 1,88; comprimento e triplo, Luis Alviçem com 6,985 e 14,563; vara, Martins Vieira com 3,60.

Lançamentos: peso, Nuno Barro 12,32; disco, Matos Fernandes 36,34; dardo, J. Matos, 56,37; martelo, Bustorff Feiro, 39,68.

Académico Futebol Clube

100 metros: J. Prata de Lima 10,6 s.

200 e 400 metros: Sampaio Peixoto em 22,2 s. e 50 s.

800 metros: J. Ferraria em 2 m. 2,1 s.

GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.
Travessa S. João da Praça, 38

1.500 metros: Fernando Ferreira em 4 m. 22 s.

5.000 metros: J. Eduardo Leite em 15 m. 53,4 s.

10.000 metros: Albino Silva em 31 m. 45 s.

110 metros-barreiras: Saldanha Palhares em 16,4 s.

400 metros-barreiras: José Couto em 59,2 s.

Saltos: altura, Alberto Cunha 1,80; comprimento, E. Tamegão, 7,12; triplo, Lima Marques, 13,25; vara, Fr. Duarte 3,30.

Lançamentos: peso, disco e martelo, Hercúlo Mendes com 11,98, 43,70 e 47,37; dardo, E. Tamegão 56 m.

Clube Internacional de Futebol

100 e 200 metros: Gentil dos Santos em 10,8 s. e 22,2 s.

400, 800 e 400 metros barreiras: Alfredo da Silveira, em 53 s., 2 m. 3 s. e 58,2 s.

5.000 e 10.000 metros: Fernando Soares, em 15 m. 57,6 s e 34 m. 5,3 s.

110 metros barreiras: Castro C. Brito, com 16,4 s.

Saltos: altura, Serôdio Gomes, 1,77; comprimento, Henrique Costa, 6,55; triplo, Guilherme Vasconcelos, com 13,41; vara, J. C. Anteiros, com 3,20.

Lançamentos: peso, E. Ruivo, 13,40; disco, António Cardoso, 41; dardo, Adriano Pires, 48,72; martelo, Lis Ferreira, 35.

Não encontramos marca referente aos 1.500 metros.

Futebol Clube do Porto

100 e 400 metros: Agostinho Pires em 11 s. e 52,6 s.

200 metros: Manuel Núncio em 23 s.

800 metros: Euclides Anaura em 2 m. 6,4 s.

1.500 metros: Silva Reis em 4 m. 20,2 s.

5.000 e 10.000 metros: Albino Silva em 16 m. 25,5 s. e 32 m. 52,4 s.

110 metros barreiras: F. Romeiro em 16,8 s.

400 metros barreiras: A. Portela em 1 m. 2,4 s.

Saltos: altura, Eloi C. Pereira, 1,75; comprimento, Landolt de Sousa, 6,28; triplo, Acácio Mesquita, 13,43; vara, A. Borges, 3,30.

Lançamentos: peso e martelo, A. Ferreira, com 12,12 e 32,86; disco, A. Tender, com 42,38; dardo, A. Silva, 44,76.

Clube de Futebol «Os Belenenses»

100 metros: Luis Teixeira, 11 s.

200 metros: Severo Tiago, 23,6 s.

400 metros planos e barreiras: Alberto Afonso em 52,7 s. e 59,5 s.

800 e 1.500 metros: Joaquim

Branco em 1 m. 59,7 s. e 4 m. 8,5 s.

5.100 e 10.000 metros: M. Nogueira em 15 m. 48,9 s. e 33 m. 14,4 s.

110 metros barreiras: A. J. Pereira, 15,8 s.

Saltos: altura, Pimentel, 1,70; comprimento, Aguiar da Câmara, 6,735; triplo, Henrique Costa, 12,775; vara, J. P. Belo, 3,20.

Lançamentos: peso, Romeu Correia, 11,40; disco, C. Ferreira, 30,95; dardo, Tomás de Macedo, 50,48; martelo, J. Giesteira, 25.

Sport Clube do Porto

100 e 200 metros: A. Sarafield em 10,5 s. e 22,6 s.

400 metros: António Júlio Dias em 52,6 s.

800 e 1.500 metros: Arnaldo Sousa em 2 m. 3,2 s. e 4 m. 23,4 s.

5.000 e 10.000 metros: Mário Jo em 16 m. 34,6 s. e 34 m. 16,8 s.

110 metros barreiras: Palhares Costa em 16 s.

400 metros barreiras: Monteiro Martins em 1 m. 3,4 s.

Saltos: altura, Adolfo Brito, 1,74; comprimento, Luis Retumbas, 6,52; triplo, Máio Porto, 12,655; vara, Manuel Oliveira, 3,35.

Lançamentos: peso, David Bra-

vo, 10,71; disco e martelo, Luis Retumbas, 34,78 e 24,57; dardo, J. N. Ribeiro, 37,03.

Se opussemos os recordistas destes oito clubes, classificando-os em cada prova com 1 ponto ao primeiro, 2 ao segundo, etc., a ordem seria: Sporting, 31 pontos; Benfica, 40 p.; Académico, 59 p.; Internacional, 80 p.; Beelenenses, 88 p.; F. C. do Porto, 89 p. e Sport C. do Porto, 101 p.

Em corridas, o Sporting teve 18 pontos, o Benfica 19 p., o Académico 34 p. e o Beelenenses 33 p.; em saltos o Sporting 5 pontos, o Benfica 9 p. e o Académico 15 p.; finalmente, em lançamentos, o Sporting 8 pontos, o Académico 10 p. e o Benfica 12 p.

SALAZAR CARREIRA

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

| | |
|--------------------------|---------|
| Custo por número | 2\$50 |
| 3 meses, Esc. | 32\$50 |
| 6 » » | 65\$00 |
| 12 » » | 130\$00 |

LEITORES

Nova iniciativa da

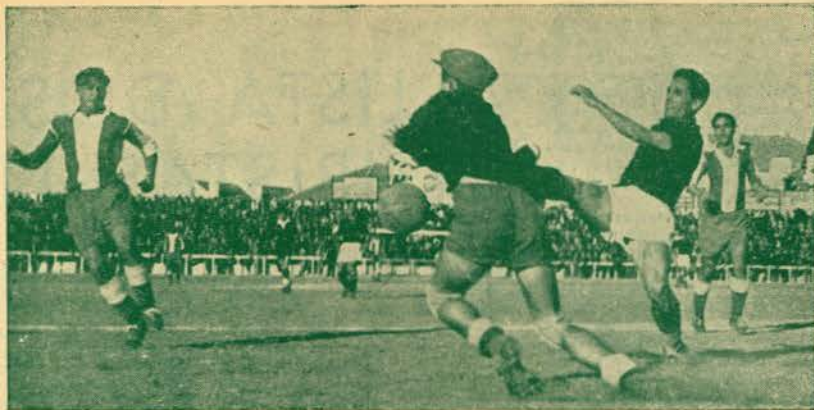
Stadium

Uma série de grandes reportagens gráficas

Catorze separatas a cores

das equipas dos clubes que jogam na 1.ª Divisão.

Todos os meses uma ou mais separatas a cores.



EM CIMA — Da esquerda para a direita: Apesar da estirada aeróbica de Graça, Nunes conseguiu marcar a primeira bola com um remate formidável! ♦ Cardoso Pereira carrega; Aico Costa observa; mas o guarda-redes Graça defende e o perigo passa!

O encontro de Setúbal deu um triunfo folgado ao clube local, mas a partida esteve longe de valer como demonstração de futebol. O terreno está em más condições e soprava vento traiçoeiro.

Ambas as equipas jogaram desligadas, mas numa notou-se força de vontade e audácia. Na verdade, em quantas oportunidades apareceram, os atacantes de Setúbal não deixaram de rematar. Pelo contrário, da parte do Porto registou-se, nas raras ocasiões, uma impotência rematadora absoluta.

O Porto chegou a dar, no primeiro tempo, a impressão de que conseguiria impor a sua toada, pois, apesar do vento contrário, pôs a bola rasa e procurou fazer futebol ligado. Mas isso durou apenas uns instantes. Depois, desuniu-se e fragmentou-se, e, ao atacar territorialmente, perdeu por completo o tino, e perdeu o combate, portanto, como não podia deixar de ser...

Os setubalenses praticaram jogo enérgico, pleno de vontade, mas sem coesão e harmonia, muito ao acaso, sem fito definido. Nunes levou o seu grupo à vitória, com um golo magistral de execução. Todavia, a partida não atingiu nível técnico aceitável. Foi uma coisa...

O Atlético demonstrou em Vila Real de Santo António a sua autoridade. O momento nevrálgico do penalti marcado por Pedroto podia alterar o rumo da partida. Mas a sorte estava com o clube de Lisboa, e este venceu e trouxe para Lisboa dois preciosos pontos. Preciosíssimos, aliás.

Porto perde em Setúbal e Vitória vence com justiça



Uma defesa oportuna de Carvalho, guarda-redes do Vitória de Setúbal

Atlético sai vitorioso do campo do Lusitano

EM BAIXO — Da esquerda para a direita: Um ataque do Atlético que resulta improdutivo... O guarda-redes antecipa-se ♦ Balbino lança-se com êxito a uma bola alta. Os rapazes do Atlético seguem o lance



O JOGO DA ACADÊMICA

é uma verdade!

Os algarvios levaram algum tempo a reconhecer a verdade do jogo da Acadêmica. Ao fim de quatro bolas, deu-se o desgaste inevitável do Olhanense.

Na segunda parte, os estudantes realizaram uma excelente exibição, em rápidô, prontidão e sentido de futebol. Os quatro golos do segundo tempo foram preciosos. O sexto, então, uma coisa espantosa, de surpresa e habilidade. Bentes seguia para a baliza como uma seta. De repente, dá pela colocação do seu interior e entrega-lhe a bola a rolar. A bola vem ao encontro de Leite e este dispara um autêntico *shof*. Nem os defesas nem o guarda-redes algarvio viram como aquilo foi.

O grupo de Coimbra ainda não teve necessidade de cair no futebol defensivo, e talvez isso deixe transparecer desnível entre a defesa e o ataque. Com efeito, os mais belos momentos do seu jogo, surgem e ganham uma elevação excepcional quando o *team* actua francamente ao ataque, em lances inéditos e primorosos.

Os algarvios bateram-se com empenho, mas nada puderam fazer contra um *team* por agora cheio de moral e revestido do segredo de conjunto.



Em cima: Capela defende, coberto e protegido por Branco e Curado
♦ À esquerda: Eminência quer fazer o remate em condições difíceis; Capela não consente... ♦ Em baixo: Uma fase movimentada a meio do terreno; note-se a boa elevação do jogador da Acadêmica

O EMPATE DE GUIMARÃES

Resultado honroso para o Belenenses



Em cima: Cerqueira, que, depois, se magoou, numa jogada de cabeça
♦ À direita: Franklim acorre com prontidão, mas Caetano consegue a defesa embora com dificuldade
♦ Em baixo: Rebelo, um dos melhores jogadores de Belem, joga com energia. O adversário não passa

O desafio de Guimarães dinos mais uma vez que são muitas as nuances que podem verificar-se numa partida. É um pouco estranho que o Vitória haja chegado a três bolas de desnível a seu favor, mas mais estranho ainda é que o Belenenses, tendo atingido o empate, não haja ultrapassado o seu adversário e ganho irresistivelmente. Nas condições em que a partida se disputou, em dado momento, as possibilidades de triunfo deviam ser todas do Belenenses. E, no entanto, registou-se a igualdade!

O desafio teve uma fase morna de começo, mas depois os vitorianos colocaram-se na situação de vencedor e fiseram o seu melhor. Nesse período, os rapazes do Vitória deram muito trabalho à defesa de Belem. Esta multiplicou a sua actividade, e, mesmo assim, viu-se batida.

A derrota, tão grave e desnivelada, era fatal para o Belenenses, e estes sentiram profundamente o golpe — tornava-se indispensável a reacção. Quando entraram no campo para fazerem a segunda parte, eram outros. Com vontade e brio, mas também com ligação e movimentos bem medidos, o Belenenses lançou-se ao ataque e soube tirar proveito das suas investidas. É possível que o acidente da inutilização de Cerqueira tenha contribuído para o êxito de empate, mas a sua reacção é uma expressão de esforço gigantesco.

Stadium

na capital do Norte

Sob a direcção de RODRIGUES TELES

A primeira pedra...

A última reunião de jornalistas, dirigentes e vários homens de desporto, na sede do F. C. do Porto, deu lugar a um curioso debate... entre jornais. Coisa simples — e final: o importante «Diário de Lisboa», servindo como tem servido, dedicadamente, o desporto nortenho, deu a notícia em primeira mão. O facto foi discutido, vendo-se o nosso camarada Rodrigues Teles forçado a declarar que «daria sempre para o seu jornal as notícias oportunas que correspondessem à Verdade, sem disso pedir licença a ninguém...»

Também era melhor não ser assim!

E a despeito de se pretender desmentir o que sobre o assunto se escreveu no «Diário de Lisboa», podemos garantir que todas as informações estão de facto certas. A inauguração simbólica foi marcada em princípio para o dia 1 de Maio...

O facto desta página ser feita sob determinada direcção, não quer dizer que nela não escrevem ou venham ainda a escrever outros elementos. A Revista Stadium, por exemplo, foi representada nesta cerimónia da sede do F. C. do Porto por El y da Silva.

Em nossa opinião, não houve grande penalidade contra o Sporting, nem houve mão na segunda bola do F. C. do Porto. No primeiro caso, embora a massa associativa e simpatizante do F. C. do Porto reatou-se energicamente, nem só o árbitro teve dúvidas. Segundo, ninguém viu com absoluta certeza. Nenhum crítico, mesmo visitante, teve coragem de afirmar que Monteiro da Costa meteu a mão. Só os protestos de dois ou três jogadores do Sporting, por certo, colocou alguma dúvida no espírito daqueles que não querem deixar de ser exactos.

Mas sinceramente: não encontramos ainda uma única pessoa que tivesse visto qualquer irregularidade no segundo golo portuense. Já na grande penalidade o caso muda de figura...

A notícia, dada pela nossa Revista, de que entre Berrigana e Benfica havia entendimentos, deixou os desportistas portuenses indiferentes. Pela nossa parte, achamos que Berrigana nada ganhou com estas fantasias.

A manifestação de simpatia dada a Azevedo foi extraordinária. De facto, pelo tempo adiante, e especialmente na parte final do desafio, Azevedo deu provas ainda da sua bela categoria.

Parece que deve recordar-se o seguinte: o período de maior desacerto e de má sorte por parte do F. C. do Porto, com bolas à trave e felicidade junto das suas balizas, deu-se durante os 12 minutos de ausência de Alfredo, por acidente. O avançado de maior categoria da equipa, Gastão, forçado a jogar no posto de defesa central, não podia segurar com êxito as tentativas adversárias. E toda a equipa, necessariamente, seguia com os olhos o adormecimento de Alfredo, hoje a jogar a grande altura. Depois

A notícia foi transmitida aos desportistas portuenses pelo «Diário de Lisboa», e logo no Porto se falou com entusiasmo do acontecimento. Reunira-se em pleno campo, ali nas Antas, a comissão de peritos, — engenheiro Miguel Rezende a representar o F. C. do Porto, com toda a sua autoridade e todos os seus conhecimentos técnicos ao serviço de uma Causa justa, e logo se ficou sabendo que breve se faria o lançamento da primeira pedra no novo Estádio!

Foi ainda do «Diário de Lisboa» a honra de indicar datas, que estão rigorosamente certas, a menos que algum motivo imprevisível as altere. Ora, por tal facto, e fazendo fé absoluta pelo que veio a passar-se após as oportunas informações do importante e considerado jornal lisboeta, está finalmente arrumada a questão que impedia o F. C. do

Porto de resolver o seu problema.

O dono dos terrenos anexos aos já comprados pelo F. C. do Porto, não querendo aceitar as propostas em tempos feitas, teve de submeter-se agora às leis de expropriação. De 1.500 contos que desejava, receberá perto de 200 como determinaram os peritos.

O grande passo foi dado, portanto. Dentro de poucos dias estará o Porto em festa, pois deverá ser convidado o sr. Ministro das Obras Públicas a assistir à cerimónia que toda a cidade desejava promover há muito tempo. Estando tudo preparado para que o acto simbólico seja realizado no dia 1 de Dezembro, também começa a organizar-se um programa festivo que corresponda à importância do acontecimento.

Arrumadas todas as questões burocráticas, todas as dificuldades que tiveram de ser vencidas, julga-se estar ainda para muito breve o começo activo das obras do Estádio. Não se jogará esta época nas Antas. Mas pode garantir-se que os grandes jogos do ano próximo serão efectuados já no novo campo.

Muitas pessoas e entidades contribuíram para o êxito que agora se anuncia. Desde uma gerência presidida pelo dr. Cesário Bonito, de que faziam parte Eloi da Silva, Ivo Araújo, Augusto

Gouveia e muitos mais, até à direcção presidida por outro desportista incansável, dr. Miguel Pereira, não faltaram gestos de exemplar dedicação.

Em volta do F. C. do Porto reuniram-se elementos do melhor prestígio. É oportuno recordar a figura do antigo governador civil, coronel Joviano Lopes, como a do actual, illustre associado do clube portuense, dr. Antão Santos da Cunha; professor Luís de Pina, até há pouco presidente da Câmara Municipal; vereadores drs. Carlos Costa e Araújo Barros, desportistas do melhor quilate, também sócios do F. C. do Porto; engenheiro Miguel Rezende, director dos Serviços de Urbanização desta cidade, que muito ajudou os campeões do Norte a conquistar esta regalia; architecto Oldemiro Carneiro e outros mais que a memória não recorda agora.

Mas acima ainda de tão bons colaboradores do F. C. do Porto, deve collocar-se o sr. Ministro das Obras Públicas. Desde que o popular clube nortenho se decidiu pela campanha em favor do seu Estádio, nunca mais este illustre homem público deixou de acompanhar todos os assuntos a ela ligados. Merece bem a homenagem sincera de todos os desportistas portuenses. E ela aparecerá, com certeza, no dia 1 de Dezembro próximo!

de entrar no campo, até fim da primeira parte, ainda o capitão do F. C. do Porto se viu perturbado e ausentes do jogo...

O F. C. do Porto, por intermédio do 1.º tenente Ernesto Allen, vai ser convidado a jogar em Ponta Delgada.

Segundo uma notícia também do «Diário de Lisboa», confirmada pelo órgão dos campões portuenses, devem chegar brevemente a esta cidade dois novos jogadores moçambicanos.

Confirma-se que no dia 1 de Dezembro jogam as equipas do F. C. do Porto e do Sporting.

Foram apreciabilíssimas duas fotografias publicadas no nosso prezado colega «Mundo Desportivo» sobre o jogo Estoril-Porto. Nenhuma invalida a afirmação de que o golo estorilista foi irregular. Talvez haja apenas exagero no numero de jogadores que effectuaram a carga. Bem: não foram 3 ou 30... Mas foram dois. E bastava que fosse um...

A Revista «Stadium»

vende-se no Rio de Janeiro na CASA VANNI
161, Avenida Rio Branco, 161

Futebol

Os resultados pouco brilhantes, alcançados pelos representantes da Suécia e pelos componentes do Arsenal contra os franceses, levam a fazer a seguinte interregião: A técnica e a velocidade são incompatíveis em futebol?

Esta pergunta não é de hoje, é claro, mas vem ao cimo dos acontecimentos, de vez em quando. O caso espanhol e, dentro de um quadro menor, o dos portugueses, parece responder negativamente à pergunta atrás formulada.

Que os Sudestinos se mostram brilhantes, como os russos e ingleses, não resta a mais pequena dúvida, todavia, ante a Espanha — por exemplo — os franceses foram radicalmente batidos por 5-1 e o Fulham, clube da 1.ª Divisão, perdeu por 3-0 e 4-0, no mês de Maio passado, contra clubes castelhanos e navarros.

A técnica meditada é lenta. Nos terrenos relvados como nos campos de bitúlia, o ataque só tem probabilidades de êxito sendo decidido, com um leve gosto pela improvisação e aproveitamento das circunstâncias.

À Bélgica derrotou a Holanda, em Rotterdam, por 1 bola a zero. Assistiram ao jogo cerca de 70.000 espectadores, que encheram por completo o estádio de Feyenoord.

O tento da vitória marcou-se a 33 minutos da primeira parte, por intermédio de G. Varo, interior-direito.

Ante-ontem, em Paris, a Checo Eslováquia recentemente vitoriosa sobre a Polónia, por 2-0, enfrentou a França. No mesmo dia, em Belfast, o Eire jogou com a Suécia mas não conheceu o resultado à hora em que escrevemos.

Boxe

Jack La Motta, campeão mundial de «médio» aceitou combater com Robert Villemain, preferindo-o a Lucien Douthuille, na data de 9 de Dezembro próximo.

Neste encontro o título não estará em jogo mas se Villmain vencer (facto muito duvidoso, aliás) então La Motta condescenderia em arriscar o seu troféu.

Enquanto isto sucede, Rocky Graziano prepara-se para o choque sensacional contra o seu conterrâneo, espectáculo ansiadamente aguardado pelos entusiastas novaiorquinos.

Em Filadélfia, Gene Burton, semi-médio, bateu Pat Byers por pontos, com marcada superioridade.

Pierre Montané, ex-campeão da França de «leve» regressou da Austrália, deixando no hospital o seu companheiro Famechon, em franco estabelecimento.

Em Birmingham, o mulato Dick Turpin bateu Geo Ross, por suspensão do encontro ao 7.º assalto. No mesmo dia, em Aberavenny (País de Gales) Cliff Curvis, pugilista «meio-médico» da 1.ª série, sucumbiu por K.O. ao 5.º assalto ante Glyn Williams.

Em Syracuse (E. U. A.), o italiano Caetano Annoloro derrotou Lee Bohles em 10 assaltos, embora tenha visitado a lona fortemente atingido.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

NOTA DA SEMANA

TIVEMOS ocasião de nos referirmos em tempo oportuno à figura exemplar de André Morice, secretário de Estado do Governo francês, na pasta do ensino técnico, juventude e desportos, grande protector dos organismos desportivos, que a crise política tirou do lugar e o novo governo reconduziu muito a propósito.

A primeira entrevista concedida aos jornais teve o mérito pouco comum das exposições claras e objectivas sobre a continuação das suas actividades de dirigente.

«E n 1950 espero que cada cidade onde funcione um estabelecimento de ensino superior disponha de um estádio», disse o aplaudido homem público francês.

Referindo-se à contribuição que o futebol deve dar em benefício das outras modalidades desportivas, contribuição que levou a admitirem-se os membros da Federação Francesa, Mr. André Morice declarou:

«Não perdi a esperança de convencer os corpos gerentes daquele organismo sobre a conveniência do jogo da bola ter um gesto de solidariedade para com os outros desportos. E' possível que diante da situação acerca do modo como deverá repartir-se o produto de taxa lançado sobre os ingressos nos terrenos, mas não nos devemos esquecer de que haverá sempre descontentes, qualquer que seja a solução perfeitada.»

E' a mesma moralidade da fábula do «Velho o repoz e o burro», contada em o-rão bem simples pelo noeta Curvo Semedo. Governar é descontentar. evidentemente. Uma vez o descontentamento carece de razões; outras lem-nas, bem aparentes e lógicas.

Os franceses veriam com pouco entusiasmo que o fundo de expansão desportiva, obtido à custa do futebol, não servisse para ajudar os clubs da modalidade, cujas circunstâncias pecuniárias sejam deficitárias.

A caridade deve principiar em nós, segundo aconselha a sabedoria das nações. E' justo por conseguinte, que o gesto de solidariedade mencionado por Mr. André Morice possa obrigar as colectividades da bola redonda. Sendo Mr. Morice um dirigente modelar, podemos garantir que o problema terá a solução devida, como é de justiça.

O desastre do Pico Redondo, nos Açores, em que Marcel Cerdan perdeu a vida, serviu de pretexto para alguns ferroadas malévolas e grosseiras dos jornalistas do lado de lá dos Pirineus.

Georges Peeters, do jornal parisiense «L'Equipe», enviado especial ao lugar do sinistro, foi particularmente grosseiro num artigo escrito para o número de 1 do corrente, depois de veladamente insinuar que os habitantes da região teriam pilhado os despojos do aparelho.

O leitor tem ensejo de apreciar por si-mesmo o injusto juízo de Georges Peeters saboreando a seguinte passagem:

«Nunca amaldiçoar tanto o piloto do avião especial que, em atroz, d'via conduzir-nos hoje, pela manhã, a S. Miguel. Esse piloto, só por si, resume a indolência e a apatia portuguesas.»

Mesmo descontentando o estado de espirito depressivo do viajado homem de letras parisiense, e a sua decepção pelo atroz da aeronave, os epítetos que lança a todos os portugueses merecem condigna resposta.

Indivíduos de tal jaez não deveriam passar a nossa fronteira, a menos que fosse para sofrer os feilhos da nossa indolência e apatia particulares. Exige-o, em nossa opinião, o pundonor nacional pelo mesmo motivo que o negro Ben Bark regressou a penales — e bem — pela série de boboseiras proferidas nos jornais parisienses quando visitou Portugal pela primeira vez.

E também, sobre as pilhagens fantásticas do plumitivo gaulês, os portugueses têm de memória as actividades dos soldados de Junot, Soult e Massena, praticadas nos túmulos de Alcobça, do Batalha, etc.

A História nem as esconde nem as perdoa, mas todos os néscios vêm o argueiro no olho do vizinho.

RAFAEL BARRADAS

Atletismo

Principiou a época de desportos atléticos nos países do hemisfério sul. Em Buenos Aires, Bornhoff correu os 200 metros planos no tempo de 21,7 seg.; Triulzi os 200 barreiras em 24,3 seg.; e o lançador de dardo Heber, atirou o engenho a 65^m,36, melhorando o récorde sul-americano da modalidade.

♦ O jovem lançador de peso, sueco, Roland Nilsson, que já ultrapassou os 16 metros e em disco vai além dos 50, emigrará para os Estados Unidos ainda este mês, mas prometeu regressar em Julho próximo, afim de participar no campeonato da Europa que se realiza em Bruxelas.

♦ Em Vigevano (Itália), o lançador de martelo Taddis, lançou o belo resultado de 54^m,89.

♦ Até à presente data pelo menos 80 saltadores, a maioria norte-americanos, transpuzeram 2 metros em altura. Um deles é Damitic, novo récoralista de França com 2^m,02.

♦ Apesar da temporada de verão estar já terminada, ainda nalguns pontos do norte da Europa se disputam provas atléticas em pistas ao ar livre.

Assim, o finlandez Urpalainen, atual vencedor de uma corrida de maratona realizada em Kosice (Checoslováquia), à frente de 88 participantes. O tempo gasto a percorrer os 42 quilómetros e 200 metros da distância convencional, foi de 2 h. 33 m. e 45,6 s. Em segundo lugar classificou-se o checo J. Roslar Fiala, com 2 h. 35 m. e 42 s.

♦ Emilio Zatopek, campeão olímpico, recuperou o récorde mundial dos 10 quilómetros ao cobrir a referida distância no tempo de 29 m. e 21,2 s., durante uma competição atlética realizada em Vlkovice, na Checoslováquia.

O tempo anterior pertencia ao grande fundista finlandez Viljo Heino, com mais seis segundos.

A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C

Telef. 30078

LISBOA

Prémios do "Dia Popular de Natação"



O Clube Nacional de Natação procedeu à distribuição dos prémios do «III Dia Popular de Natação», uma iniciativa simpática e de vasto interesse para a propagação da natação.

A sessão solene decorreu em magnífico ambiente. Presidiu o sr. dr. Ayala Boto, inspector dos Desportos, rodeado dos ars. Francisco Marques, vereador da Câmara Municipal, José Dias Pereira, da Federação de Natação, brigadeiro França, pelo «Nacional», e representantes dos vários clubes.

Produziram-se afirmações que levam à esperança de vermos o Nacional de Natação de posse das suas desejadas instalações desportivas e a certeza de que continuará a valorizar cada vez mais os seus nobres propósitos de clube desportivo.

Os atletas do SPORTING em Barcelona



O Sporting far-se-á representar nas festas comemorativas do 50.º aniversário do C. F. Barcelona, pela sua equipa de atletismo.

No último domingo, esses atletas efectuaram um treino. Stadium fotografou-os acompanhados do seu treinador, prof. Moniz Pereira e dr. Cunha Rosa, capitão da secção de atletismo leonina.

Jogadores de raguebi do BENFICA



O Benfica, como nas épocas anteriores, continua interessado na prática do raguebi. Eis o seu *quinto*, grupo forte e de boa técnica, que está disputando o Torneio de Abertura.



Maximiano Rola, Felix Bermudez e Julio Mourão, isto é, a equipa do Sporting que conquistou o Campeonato Nacional de independentes, por equipas

Os campeonatos nacionais de fundo findaram no domingo em Lisboa

OS campeonatos nacionais de ciclismo disputaram-se este ano fora da época mais adequada — perto dos campeonatos regionais, que são, em geral, provas de selecção. Os regionais fizeram-se no princípio da temporada oficial de estrada — entre Março e Maio. E a «Volta a Portugal», medida de pernoite, quanto a organização e realização, concorreu para este atroz.

Há duas semanas disputou-se o primeiro título, no Porto, entre corredores do norte e do sul, na prova individual. Já foram poucos os concorrentes. Mas houve ainda assim luta até final, principalmente entre José Martins, João Rebelo, e Fernando Moreira. Os dois corredores do Benfica puderam, ao fim, adiantar-se ao campeão português: e entre eles a batalha prosseguiu, cortando José Martins a «meta» com uma diferença tão pequena que João Rebelo julgou ter ganho. Seria de facto proeza brilhante ganhar o campeonato de estrada em três anos sucessivos. Era bonito — e daria direito a um colar de tri-campeão. O juiz de chegada classificou, porém, José Martins, campeão, pois — em 8 h. 16 m. 30 s.

A segunda série coube a Lisboa, no domingo passado. As duas semanas fizeram arrefecer mais o entusiasmo... O campeonato de independentes por equipas, a disputar contra-relógio, teve sómente uma inscrição — a do Sporting, com a equipa completa (Felix Bermudez, Júlio Mourão, Maximiano Rola e Artur Lopes). Pouca gente, em resumo. Pouca — mas boa... Sem adversário, e para 174 quilómetros, os dois primeiros corredores — Rola e Mourão — gastaram, no trajecto, 4 h. 48 m 58 s. a que corresponde, em dia de vento, a excelente média horária de 36,128. Felix Bermudez não aguentou o andamento na subida da Calçada de Carriche, e straxou um pouco (4 h. 50 m. a s.). Campeão o Sporting, com o tempo total de 14 h. 27 m. 58 s.

Na prova de amadores juniores não houve muito mais gente — cinco corredores. Houve todavia dois clubes. Benfica e Liséa. Batalhou-se menos e sentiram-se mais os efeitos da ventania. O Benfica, com um pri-

meiro de marcha de repouso, atacou primeiro no Sobral e «apertou» de novo mais tarde. Destacaram-se dois corredores — Honório e Marcelino, a fugir, na altura que tiveram por melhor — e um outro, Júlio Lopes, na perseguição, classificando-se os três pela ordem de citação. Honório Francisco, do Benfica, ganhou assim o título, fazendo 3 h. 48 m. 5 s., para 84 quilómetros de percurso, à média horária de 30,64.

O resumo não é, pois, complicado — dois títulos para o Benfica e um, o de equipas, para o Sporting. Por falta de inscrições, não se disputou este ano o campeonato de amadores seniores.

MÁRIO DE OLIVEIRA



Honório Francisco, do Benfica, acompanhado de Alfredo Piedade, logo após ter ganho o Campeonato Nacional de amadores-seniores, em velocidade